

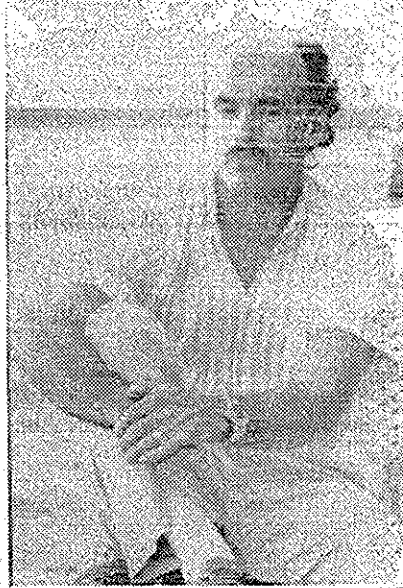
Pesquisador alerta sobre rio Amazonas

LIANA JOHN

MANAUS — O pesquisador norte-americano Jeffrey Richey, da Universidade de Washington, afirmou ontem, no congresso "Necessidades, Pesquisas e Estratégias para o Desenvolvimento Auto-Sustentável da Amazônia", que, para se chegar a um desenvolvimento auto-sustentável da região, é preciso passar primeiro por um entendimento físico dos fenômenos naturais do ciclo do carbono, dos nutrientes e dos organismos, especialmente nos rios, uma vez que a Amazônia é "quase líquida". "Os rios amazônicos não são simples tubos de transporte de água, são canais de vida, e qualquer alteração pode ter conseqüências antes insuspeitadas", disse Richey, que há 12 anos estuda o Amazonas e seus afluentes, em conjunto com uma equipe do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa) e do Centro de Energia Nuclear da Agricultura (Cena).

Em seus estudos, Richey constatou que existe uma grande troca e interação entre a várzea e o canal principal. "Em alguns casos, 30% da água do meio do rio passou pela várzea", afirma. Segundo ele, isso quer dizer que uma agricultura com produtos químicos ou a proliferação de garimpos que utilizem mercúrio na várzea das margens dos rios podem contaminar as águas por um bom trecho. Também a construção de barragens pode mudar o balanço de gases dissolvidos no rio, pois muitos vêm da várzea, como o carbônico e o metano. Em rios com muitas barragens — como o Mississipi, nos Estados Unidos — a mudança é tamanha que a várzea morre.

Mesmo sem barragens, a simples utilização agrícola e os desmatamentos excessivos nas margens dos rios (caso do Rio Ji Paraná, em Rondônia) mudam o caminho da água e sua carga química. É importante lembrar que a Bacia Amazônica corresponde sozinha a 20% da água doce da Terra, e qualquer alteração capaz de provocar impacto



Mônica Zarattini/AE

Richey: "Amazônia líquida"

causará repercussões mundialmente.

Apenas no caso do gás carbônico, o papel do Rio Amazonas pode ser bem mais importante do que o suspeitado. "Cerca de 50% do gás carbônico dissolvido nas águas amazônicas provém da respiração de seres aquáticos, sobretudo bactérias", explicou Richey, acrescentando que a concentração desse gás dissolvido na água é dez vezes maior do que na atmosfera. Assim, certamente a Bacia do Amazonas descarrega mais carbono do que se imaginava nos oceanos.

Os oceanos são uma espécie de banco de carbono do mundo, onde o gás fica armazenado em vez de ir para a atmosfera. Se as alterações na bacia matassem a vida aquática, o equilíbrio se romperia, ensina Richey, que no entanto ainda não sabe exatamente como e com que conseqüências. Por causa disso é que as pesquisas devem continuar, integrando também outras equipes. "É preciso integrar todos os estudos, colocar todos os dados num só lugar e usar essas informações para desenvolver projetos de desenvolvimento auto-sustentável", afirma.

Geógrafo pede fiscalização na AM

MANAUS — A grande autonomia dos sistemas de transporte na Amazônia é parcialmente responsável por graves impactos ecológicos e sócio-econômicos na região, segundo opinião do geógrafo Roberto Schmidt de Almeida, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Para ele, a reversão desse problema depende de uma fiscalização mais eficiente nas estradas e pistas de pouso, mas principalmente no incentivo ao transporte fluvial e, nos casos possíveis, ao ferroviário.

Schmidt, que também falou no congresso que está sendo realizado em Manaus, afirmou que a opção governamental de construir estradas para integrar a Amazônia, em detrimento do transporte fluvial, acabou fortalecendo o uso quase exclu-

sivo de caminhões para o escoamento das safras. Por causa de sua grande autonomia, os caminhões são difíceis de ser controlados, tanto em termos sanitários como fiscais.

Os caminhões também facilitam a disseminação de doenças endêmicas antes controladas, como dengue, febre amarela e mesmo a lepra. No caso do transporte aéreo, a falta de controle possibilitou a montagem de todo um sistema autônomo para contrabando de ouro, além da penetração e proliferação cada vez maior de garimpeiros, que não têm o menor conhecimento do uso do mercúrio nem das próprias técnicas de garimpagem. Alguns rios tiveram modificado até seu curso d'água em alguns trechos. (L.J.)